



Digitalização: Vick
Revisão: Cynthia

Projeto Revisoras
🌸🌸🌸🌸🌸🌸🌸🌸

Abas:

É bacharel em artes e Língua Inglesa. Antes de se dedicar à literatura, trabalhou como *designer*. Mais tarde, foi relações públicas do último colégio só para mulheres do Meio-Oeste. É o primeiro romance de Alex Kava. A autora é membro da Sisters of Crime e da Mystery Writers of America. Atualmente, mora em Omaha, Nebraska.

Visite a página da autora: www.alexkava.com

Em 17 de julho, Ronald Jeffreys, condenado pela morte de três meninos, é executado. Mas, antes de levar para o túmulo uma verdade terrível, ele a revela em confissão.

Três meses depois, um quarto cadáver é encontrado com marcas idênticas às das três vítimas de Jeffreys.

Será que há um assassino copiando o estilo de Jeffreys para despistar a polícia? Ou teria sido condenado à morte o homem errado?

Nick Morrelli, xerife de Platte City, pequena cidade em Nebraska onde ocorrem os crimes, não tem à sua disposição recursos suficientes para investigar o caso. Sua equipe é pequena e limitada. E ele mesmo sente que precisa de apoio especializado.

Então, o FBI envia a agente Maggie O'Dell, especialista em traçar o perfil psicológico de assassinos psicóticos. Aos poucos, Maggie começa a identificar as principais características do criminoso.

Quando uma nova vítima é encontrada morta, e outra, raptada, Nick e Maggie percebem que o tempo está contra eles. Pior: que uma terrível verdade terá de ser revelada, colocando em dúvida a culpa de Jeffreys.

Contra-capá

"Uma estréia fascinante... um *thriller* escrito com inteligência."

PUBLISHER'S WEEKLY

"Alex Kava escreveu um romance com muito suspense e criou uma personagem bastante atraente, a agente O'Dell."

WASHINGTON POST BOOK WORLD

"Este *thriller* de estréia transborda suspense... Maggie é determinada e cativante como agente do FBI, enfrentando perigo constante."

LIBRARY JOURNAL

Uma confissão no corredor da morte.

Um padre atormentado por um segredo macabro.

Crimes que continuam acontecendo mesmo após a execução do culpado.

Um xerife de cidade pequena cara a cara com a investigação mais importante de sua carreira.

Uma agente do FBI assombrada pelas memórias do caso mais terrível de sua vida.

Conspirações que mantêm o verdadeiro assassino em liberdade. Em *Perigos Mortais*, Alex Kava cria um enredo de suspense com viradas surpreendentes, que prendem a atenção do leitor até a última página. Um romance excelente, escrito por uma das maiores revelações do *thriller* psicológico dos últimos tempos.

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.
Kava, Alex
K32p Pecados mortais / Alex Kava; tradução de A.
Soares. - Rio de Janeiro: HR, 2006.
400p.

Tradução de: A perfect evil
ISBN 85-7687-081-9

1. Investigações governamentais - Ficção. 2.
 2. Ficção americana. I. Soares, A. II. Título.
- CDD - 813
05-3705 CDU-821.111(73)-3

Título original norte-americano A PERFECT EVIL

Copyright © 2000 by S. M. Kava
Publicado mediante acordo com Harlequin Enterprises II B.V

Originalmente publicado por Mira Books

Arte-final de capa: Simone Villas-Boas
Editoração eletrônica: TopTextos Edições Gráficas Ltda.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, sem
autorização prévia por escrito da editora, sejam quais forem os meios
empregados.

Todos os personagens neste livro são fictícios. Qualquer semelhança com
pessoas vivas ou mortas é mera coincidência.

EDITORA HR LTDA.
Rua Argentina 171, parte, São Cristóvão
Rio de Janeiro, RJ - 20921-380

Impresso no Brasil

ISBN 85-7687-081-9

Visite nosso site:
www.harlequinbooks.com.br

À memória de Robert (Bob) Shoemaker (1922-1998), cuja bondade perfeita continua a inspirar.

PRÓLOGO

Penitenciária do Estado de Nebraska

Lincoln, Nebraska

Quarta-feira, 17 de julho

— Perdoa-me Pai, por eu ter pecado. — Áspera e monótona, a voz de Ronald Jeffreys fez da frase mais um desafio do que uma confissão.

O padre Stephen Francis olhava fixamente para as mãos do penitente, impressionado com os dedos curtos e grossos, de nós grandes e unhas roídas até o sabugo. Os dedos torciam... não, estrangulavam... a bainha de sua camisa azul, parte do uniforme de presidiário. O velho padre imaginava aqueles mesmos dedos torcendo, sufocando, tirando a vida do garoto Bobby Wilson.

— É assim que começamos?

A pergunta de Jeffreys assustou o padre.

— Assim está ótimo — respondeu imediatamente.

Suadas, as palmas das mãos do padre grudavam no couro da capa da Bíblia. A gola da camisa ficou de súbito mais apertada. A cela destinada à última oração antes da execução não tinha ar suficiente para os dois homens, comprimidos pelas paredes cinzentas de concreto. Só havia uma pequena janela. O cheiro azedo de pimentão e cebola enjoava o padre. Ele passou os olhos pelos restos da última refeição de Jeffreys, bordas de *pizza* e manchas de água tônica. Uma mosca zumbia sobre as migalhas do que havia sido uma fatia de bolo.

— E agora? — perguntou Jeffreys.

Padre Francis não conseguia pensar. Não sob o olhar destemido de Jeffreys. Não com o barulho que fazia a multidão lá embaixo, do lado de fora do presídio. Os refrões ficavam mais altos com a proximidade da meia-noite e à medida que o álcool fazia efeito. Era uma celebração amargurada, uma desculpa mórbida para uma confraternização ao ar livre.

— Frita! Frita! — repetiam as pessoas, como se entoassem um verso infantil ou um canto de torcida. Melódico e contagiante. Repugnante e assustador.

Jeffreys, no entanto, parecia não se abalar com o barulho.

— Não tenho certeza se me lembro como isso funciona. E agora? Sim, e agora? Deu um branco na cabeça do padre Francis. Meio século de confissões e, de repente, aquele branco.

— Os pecados — desatou o nó na garganta. — Conte-me os seus pecados.

Jeffreys hesitou. Enrolou a ponta da camisa no indicador e apertou até que o próprio dedo inchasse e ficasse vermelho. O padre espiava o homem esparramado na cadeira. Não era o mesmo homem das fotos granuladas de jornal ou das rápidas aparições na tevê. Barbeado e com a cabeça raspada, Jeffreys parecia desmascarado, quase um garoto malcomportado, mais jovem do que deveriam mostrar seus 26 anos. Engordara durante os seis anos no corredor da morte, mas ainda guardava o ar de menino. O padre ficou triste por saber que aquele rosto de garoto não viveria a ponto de ter rugas. A melancolia durou até Jeffreys mirá-lo de novo com os olhos azuis. Uma tonalidade fria de azul, como a de um vidro, vidro cortante, vago e transparente. Sim, é essa a cor da maldade. O padre piscou e virou a cabeça.

— Diga-me os seus pecados — repetiu, dessa vez desapontado com o tremor de sua voz e mal conseguindo respirar. Teria Jeffreys sugado todo o ar de propósito? Pigarreou e esclareceu: — Os pecados dos quais você esteja verdadeiramente arrependido.

Jeffreys encarou-o e, sem nenhuma insinuação, soltou uma gargalhada. Padre Francis deu um salto, e o condenado riu ainda mais alto. O padre segurou sua Bíblia com os dedos trêmulos, atento às mãos do penitente. Por que havia aceitado que o guarda tirasse as algemas? Nem Deus poderia salvar aquele insano. O suor escorria pelas costas do padre. Pensou em fugir antes que Jeffreys percebesse que não tinha nada a perder com um último assassinato. Lembrou-se, porém, que a porta estava trancada por fora. A gargalhada do preso cessou tão subitamente quanto começou. Silêncio.

— O senhor é como todos eles. — A acusação em voz rouca veio de um lugar profundo e já morto de Jeffreys. Ele sorria, mostrando os dentes pequenos e pontiagudos, os incisivos maiores do que os outros. — Está esperando que eu confesse alguma coisa que eu não fiz. — Rasgou a parte de baixo da camisa em tiras finas, um ruído desagradável e duradouro.

— Não estou entendendo o que você quer dizer. — Padre Francis afrouxou o colarinho. Suas mãos tremiam. — Pensei, quando você pediu a presença de um padre, que gostaria de se confessar.

— Sim... sim, eu quero. — A voz monótona e fria estava de volta. Jeffreys titubeou, mas apenas por um breve momento. — Eu matei Bobby Wilson — disse ele, calmo como se estivesse pedindo um sanduíche para viagem. — Coloquei minhas mãos... meus dedos em volta do pescoço dele. Primeiro, o garoto balbuciou, tossiu, como se fosse vomitar, depois, silenciou. — Na voz abafada e contida, quase técnica, desenvolvia-se um discurso ensaiado. — Ele se debateu só um pouco. Um solavanco apenas. Acho que ele sabia que estava morrendo. Não lutou muito, nem mesmo quando fodi com ele. — Jeffreys parou, observou o padre Francis, buscando um sinal de choque, e sorriu ao encontrá-lo. — Esperei ele morrer para meter nele. Ele não sentiu nada. Meti de novo, de novo e de novo. Então, fodi com ele pela última vez. — Jeffreys virou a cabeça para o lado, subitamente distraído. Teria finalmente percebido a festa lá fora?

O padre esperou. Teria sido a batida acelerada de seu coração que o distraíra? Lembrando uma imagem de Poe, o coração parecia querer romper seu velho peito e, tal como as mãos, desmascarava seu nervosismo.

— Já confessei uma vez — continuou Jeffreys. — Logo depois que aconteceu, mas o padre... Vamos dizer que o padre ficou um pouco surpreso. Agora, estou confessando para Deus, o senhor entende? Estou confessando que matei Bobby Wilson. — Ele continuava rasgando a camisa, agora em movimentos repentinos e exaltados. — Mas não matei os dois outros garotos. O senhor ouviu? — Sua voz se elevava. — Eu não matei Harper nem Paltrow.

Jeffreys calou-se por uns instantes e, então, sorriu de forma sarcástica.

— Mas isso Deus já sabe. Não é, padre?

— Deus sabe a verdade — respondeu padre Francis, tentando enxergar dentro dos olhos frios e azuis, mas logo vacilou e desviou o olhar. O que aconteceria se a culpa do próprio padre se revelasse ali de alguma maneira?

— Eles querem me executar porque pensam que eu sou uma espécie de *serial killer* que mata garotinhos. — Jeffreys mantinha os dentes trincados. — Matei Bobby Wilson e desfrutei do que fiz. Talvez eu mereça morrer mesmo por isso. Mas Deus sabe que não matei os outros garotos. Em algum lugar lá fora, padre, ainda há um monstro. — Outro sorriso irônico. — E ele é ainda mais terrível do que eu.

O barulho de metal chocando-se com metal no corredor assustou padre Francis, que deixou a Bíblia cair no chão. Dessa vez, Jeffreys não riu. O velho

padre sustentou o olhar do preso, mas nem um, nem outro se mexeu para pegar o livro sagrado. Estariam os guardas vindo para levar Jeffreys? Parecia muito cedo. Por outro lado, era absolutamente improvável a possibilidade de uma ordem judicial de última hora que suspendesse a execução.

— Você se arrepende de seus pecados? — sussurrou o padre, como se estivesse no confessionário de sua igreja.

Os passos pelo corredor aproximavam-se da cela. Chegara a hora. Jeffreys paralisou-se na cadeira ao ouvir o ruído da marcha das botas.

— Você se arrepende de seus pecados? — insistiu padre Francis, como se desse uma ordem. Oh, meu Deus, era difícil respirar. A ladainha do lado de fora ficara ainda mais alta e forçava a passagem através da janela vedada.

Jeffreys levantou-se e, de novo, encarou o padre. O ruído do tranco para abrir as fechaduras ecoou contra as paredes de concreto. Jeffreys encolheu a barriga e estufou o peito. Estaria com medo? Padre Francis buscou indícios nos olhos dele, mas nada pôde ver além do azul metálico.

— Você se arrepende de seus pecados? — tentou o padre uma vez mais, incapaz de absolvê-lo sem a resposta.

A porta se abriu, sugando o ar que ainda havia no ambiente. Guardas parrudos bloquearam a passagem.

— Chegou a hora — informou um dos homens.

— É a hora do *show*, padre — ratificou Jeffreys, rangendo os dentes, os olhos azuis firmes e claros, mas vazios. Virou-se para os três homens uniformizados e lhes ofereceu os pulsos.

O rosto do padre Francis cobriu-se de dor ao estalo das algemas. Os guardas deram meia-volta e carregaram o prisioneiro. A marcha das botas se distanciou pelo longo corredor.

Uma brisa de cheiro enjoativo penetrou através da porta aberta, refrescando a pele molhada e pegajosa do padre e lhe provocando um arrepio na espinha. Asmático, ele inspirou o ar com gula. Finalmente, os estrondos em seu peito perderam a força. Permaneceu a dor no coração.

— Deus ajude Ronald Jeffreys — sussurrou padre Francis para ninguém.

Pelo menos, Jeffreys falara a verdade: não havia assassinado todos os três garotos, e o padre sabia disso não porque Jeffreys lhe houvesse contado. Sabia porque, há três dias, o monstro sem rosto que assassinara Aaron Harper e Eric Paltrow lhe revelara o que fizera, escondido atrás da parede vazada do

confessionário da igreja de Santa Margarete. Devido a seus votos sagrados, porém, padre Francis não poderia dizer o que sabia a nem uma só alma.

Nem mesmo a Ronald Jeffreys.

CAPÍTULO 1

Oito quilômetros de Platte City, Nebraska

Sexta-feira, 24 de outubro

Nick Morrelli desejava que a mulher por baixo dele estivesse menos maquiada. Sabia que aquela noite não o levaria a lugar nenhum. Distraía-se com os gemidos dela. Na verdade, ela ronronava. Como um gato, a mulher roçava nele, esfregando as coxas ainda com meias nas laterais do corpo dele. Ela já estava no ponto. Ainda assim, Nick só conseguia pensar no exagero de sombra azul naquelas pálpebras. Mesmo com as luzes apagadas, a imagem seguia gravada na mente dele.

— Oh, *baby*, o seu corpo é tão gostoso, tão duro — ronronou ela, enquanto o acariciava nas costas e nos braços com as unhas longas.

Ele se virou antes que ela descobrisse que nem todo o seu corpo estava duro. O que havia de errado com ele? Precisava se concentrar. Nick lambeu a ponta da orelha da mulher, esfregou o nariz no pescoço dela e desceu para o que o motivara estar ali. O instinto levou sua boca a um dos seios. Ele o provocou com beijos suaves e molhados. Ela já gemia antes que a língua dele brincasse com o mamilo. Nick adorava os sons que as mulheres faziam: os suspiros curtos e, então, os gemidos baixos. Esperou pelos ruídos para rodear com a língua o mamilo e sugá-lo com a boca. As costas dela se curvaram para a frente, e ela estremeceu. Ele se inclinou para absorver o arrepio dela, o tremor suave daquele corpo macio contra o dele. Normalmente, isso lhe proporcionaria uma ereção. Naquela noite, nada aconteceu.

Oh, Deus, estaria perdendo a forma? Não, era muito jovem para ter esse tipo de problema. Apesar de tudo, ainda faltavam quatro anos para os 40.

Quando, neste mundo, pensou que contaria a idade tendo os 40 como referencial?

— Oooh, meu amor, não pare!

Nick nem percebera que *tinha* parado. Impaciente, ela gemeu e começou a mover os quadris para baixo e para cima, lentamente, em ritmo sensual. Sim,

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

